

Esta edição da Revista de Atenção Primária à Saúde aborda temas relacionados ao modelo de atenção que foi uma das principais bandeiras de luta do Movimento da Reforma Sanitária, sobretudo no que se refere às ações e às práticas de saúde.

O perfil epidemiológico e sociodemográfico, o acesso, o acolhimento humanizado, o olhar do usuário sobre sua saúde, a perspectiva dos profissionais sobre o processo de trabalho em saúde, a prevenção de doenças e a problematização das diferentes perspectivas: profissionais/usuário/instituição fazem parte de formas de organização do processo de prestação de serviços de saúde.

Esses temas são trazidos no presente número da Revista de APS no intuito de apresentar elementos que propiciem o enriquecimento do debate sobre um modelo assistencial que considere a multicausalidade que incide sobre o processo saúde doença e que defenda o direito universal à saúde e ao acesso a um sistema nacional de saúde de qualidade.

Ainda que no sistema de saúde brasileiro estejamos convivendo com modelos assistenciais diversos, em parte centrados na assistência médico-hospitalar, nos programas especiais e em campanhas, existem esforços, para a construção de modelos alternativos que buscam formas de atenção integral à saúde, centrados na melhoria da qualidade de vida.

Essa convivência de modelos, que é a marca de todo sistema complexo de saúde, representa desafio aos gestores, profissionais da ponta e aos próprios usuários. Desafios de adaptação, questionamento, criação de respostas técnicas e políticas efetivas e claras... E desafios de participação, diálogo e construção de consensos.

Cabe, a todos os atores sociais envolvidos, a construção permanente e o fortalecimento da Atenção Primária. Programas recentes como o Mais Médicos, o Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica (Provab), ou a Estratégia Saúde da Família podem ter papel importante nessa construção. Todavia, para que contribuam de forma positiva, suas contradições e influências precisam ser analisadas. Nesse sentido, a implementação de diálogos verdadeiros e formas reais de participação social e de vigilância cidadã são possibilidades desejáveis e urgentes. Mas, de acordo com o que se observa no país todo, esses dispositivos de cidadania acabam dependendo muito da vontade dos gestores e forças partidárias, fato que mostra como ainda temos muito que avançar na ação cidadã.

Os artigos aqui apresentados são frutos de pesquisas e relatos de experiências que abordam, sobretudo, os esforços realizados ao nível micro para a superação de entraves no desenvolvimento de um modelo de atenção à saúde voltado para a qualidade de vida. Nesse sentido, esperamos contribuir para o debate da atenção primária à saúde, levando em conta a realidade de diferentes territórios e estimulando o diálogo entre representantes de órgãos públicos, movimentos sociais e profissionais da saúde.

*Vera Joana Bornstein e Julio Wong Un*

Editores Associados